ANNO I — S. João d'El-Rei, 14 de Fevereiro de 1886 — N. 22

O DOMINGO

PARA A CIDADE
Anno.......... 6$000
Semestre...... 3$000

PARA FÓRA
Anno.......... [illegible]

Redactores — Jorge Rodrigues e José Braga

Escriptorio da redacção — Praça das Mercês, n. 7

Summario

O Domingo

14 de Fevereiro de 1886

Canções da Aurora

NÃO voltariamos tão depressa a este assumpto si a isto não nos tivesse obrigado a leitura do artigo que, na secção *Poesia e poetas* do n. 58 d'*A Semana*, escreveu o sr. Alfredo de Souza, relativamente ao volume de versos do sr. Francisco Lins.

Começando por fazer algumas considerações bastante sensatas sobre o estado actual da Poesia entre nós e sobre as difficuldades que teem a vencer os poetas estreantes, nesta epocha *em que ha o maior culto pela forma e a mais profunda sympathia pelo ideal*, conclue o inspirado poeta das *Auroras* recebendo de um modo favoravel os versos do sr. F. Lins, nos quaes, parece-nos, só uma boa vontade excessiva pode encontrar a revelação de uma *vocação decidida para a arte*.

Releve-nos o sr. Alfredo de Souza a estranheza que nos causa o seu juizo critico, e permitta-nos expender as razões que a determinaram.

Em nosso numero passado, affirmámos que as *Canções* constituem um máo livro de estréa e d'ellas destacámos alguns versos, que julgavamos sufficientes para a demonstração completa do que asseverámos.

Em vista, porém, do que sobre o mesmo assumpto acaba de escrever o sr. Alfredo de Souza, não podemos furtar-nos á necessidade de abrirmos mais uma vez as *Canções da Aurora*, pondo em evidencia as incorrecções de que se acham ellas recheadas.

Comecemos pelos trabalhos *que mais agradaram* ao talentoso critico e que se intitulam — *Judeu Errante*, *Defronte da Estante* e *Ella*.

No *Judeu Errante*, soneto cujo assumpto pertence ao numero das *velharias*, tanto tem sido elle explorado, encontram-se as seguintes *bellezas*:

2º quarteto:

> Nas voltas do caminho, o espectro pavoroso,
> O vi buscar descanço, atormentado errador.

Aquelle pronome, que rompe o segundo destes versos, não põe a perder o *espectro pavoroso* que o precede? Não poderia o novel poeta obviar este inconveniente, servindo-se do pronome — eu — antes do verbo — *vi*?

4º verso:

> Fazia caminhar ao grande criminoso

Qual a necessidade que obrigou o poeta a empregar a contracção *ao* antes de *criminoso*, em vez do artigo — o — que de modo algum tornaria o verso incorrecto?

Achamos estes defeitos imperdoaveis em um poeta, mesmo principiante, pois si de outro modo considerassemos o sr. F. Lins, no mesmo soneto encontrámos outros senões para os quaes teriamos de chamar sua attenção.

Defronte da estante nos mostra que o sr. Lins conhece pouco a lingua, pois, para indicar diversas relações de lugar, serve-se sómente dos adverbios *aqui* e *alli* repetidos de um modo capaz de causar enfado ao ouvido menos exigente, e conhece muito menos a Lamartine e... a grammatica, calumniando aquelle e insultando a esta nos seguintes versos:

2º terceto:

> Que toda a vida a sol passara soletrando
> Canoros madrigaes e ao espaço contemplando.

O sr. Lins foi mal informado, com certeza! Lamartine não soletrava madrigaes, lia-os e fazia-os com muito mais facilidade do que muita gente que por ahi anda; e, além d'isto, occupava-se com trabalhos de mais utilidade: — obras sobre historia, politica, viagens, etc.

Contemplando AO *espaço* — é de uma correcção admiravel!

O ultimo verso do mesmo terceto

> Aqui um outro grande — o grande Gambetta.

deu-nos que pensar. Ora o Lins! Tem e lê Gambetta! Que erudição!

Mas um amigo, que nos escutava, nos disse a sorrir:

— Historias! Em poesia se diz tudo, a coisa é a rima. Em vez d'aquelle, o *teu* Lins podia ter escripto este verso:

> *Aqui* um outro grande — o publicista Obá

E o soneto nem por isso ficaria valendo menos, porque cada vez e o homem nem um d'aquelles livros tem na estante.

Ella é uma poesia banal, sem um pensamento que attenue a to-

leima dos versos em que a vasou o poeta.

Na terceira quadra, encontram-se a palavra INEXPERADA, o adjectivo *infantil* junto ao substantivo *menina*, e *comigo*, que são novos attestados de que o sr. Lins não conhéce bem a lingua em que escreve.

O sr. Alfredo de Souza, que censurou as impropriedades da poesia *Tempestade*, deixou passar aquelle *arfar* da setta, na poesia a que nos referimos.

Analysados, *à vol d'oiseau*, os trabalhos a que alludio o inspirado poeta das *Auroras*, passemos aos outros, onde se encontra em grande quantidade o que nos levou a dizer que o livro do sr. Lins é uma *aurora que rompe com muito disparate e grande porção de erros de grammatica*.

No *Quadro*, segunda poesia das *Canções*, lê-se :

> As mãos entrelaçadas. Seus vestidos
> *Da cor do azul dos céos ;*
> — Dous pombos a deixar talvez saudosos
> Os doces lares seus.

Cor do azul? palavra que não conhecemos.

Um premio a quem nos disser de que cor é o azul dos céos.

Os dous pombos, de que fala o poeta, serão os vestidos ou as mãos? *Elle* e *ella* não são com certeza, porque o Sr. Lins nos diz pouco adiante que *elle* é o Mouro de Veneza, o qual, suppomos, póde ser representado por todos os animaes *altícos*, menos pelos pombos.

Na ultima quadra, diz-nos o sr. Lins :

> Desdemona que vem-nos das alturas

Aquillo é erro typographico, com certeza ! Os typographos !

A *coisa* era assim : « Desdemona que vem-nos por essas *alturas* » que póde não ser correcto, porém é mais razoavel que o outro, sem duvida alguma.

Na *Tempestade*, alem do que observou o sr. Alfredo de Souza, ha mais as seguintes *bellezas :*

2ª quadra :

> As avesinhas *medrosas*,
> Batendo as azas *trementes*,
> Buscavam ninhos *airosas*
> Nas ramagens verdecentes.

Medrosas e airosas ao mesmo tempo, sr. Lins ! Bem se vê que o senhor não sabe o que é medo.

3ª quadra, ultimo verso :

> Pedindo á paz nas planuras

Ha tambem na mesma poesia *um corpo hirsuto e branco* que o poeta vê *boiando além* e sobre o qual conserva rigoroso silencio.

O verso, a que nos referimos, deve ter a seguinte nota :

—Este corpo é o do desgraçado e nunca assaz chorado *moribundo senil.*

Orai por elle !

Na poesia—*Ave-Maria*, o Sr. Lins que, na elegante phrase do poeta Alfredo de Souza, *foge do verso errado*, escreveu os seguintes versos que bem contrariados se acham no meio de hendecasyllabos :

Pag. 12, 7.º verso :

> A fervorosa prece, o canto, a oração

8.º verso :

> Recebe mui contente então o pescador

15.º verso :

> Com a vida a se extinguir cavia

23.º verso :

> Depor. E busca os lares paternaes.

26.º verso :

> Murmurosas queixas

A pagina seguinte, esta *tirada* que nos dá vontade de perguntar ao Sr. Lins qual a idéa que elle faz de *arrebol* :

> ... Em que se some o sol,
> Deixando no arrebol
> Pairar um raio seu que as nuvens doura

Mais adiante diz o Sr. Lins que *o gemedor poeta* é um *atleta !* Isto sem—h—deve significar outra cousa que muito desejavamos conhecer; mas os nossos diccionarios são de uma deficiencia...

Da poesia *A lagrima e o sorriso* transcrevemos os dous versos seguintes, em que se encontra mais uma manifestação do odio inveterado que o Sr. Lins vota á grammatica:

> « E *que* tristonha sombra negrejante
> Só póde com seu manto *as* apagar »

Em *A' margem do ribeiro* lêm-se expressões... *improprias*, a saber: THIRSOS *retumbantes*, LANGUROSA e DULÇUROSAMENTE.

A brisa, que para nós outros é de uma indifferença britannica, para o auctor das *Canções* é de uma *affabilidade* extrema! Felizardo!

Na poesia — *Dormindo*—o poeta, além de disparatado, mostrou-se inconveniente.

1.ª quadra, 4.º verso :

> Manchadas de carmim, de cor de rosa

Imagine-se o effeito que produziria uma *virgem loira* e LANGUINOSA (!) que, para dormir, tivesse a extravagante idéa de *manchar* as faces de carmim e cor de rosa ! Horroroso !

O Sr. Lins, porém, é inaccessivel ao terror e

> Assim a contemplara, desejando
> Viver [illegible] ella toda a vida (!)

e, como cesteiro que faz um cesto faz um cento,

> Daria coração, minh'alma e tudo (!)
> Si a [illegible] no peito seu [illegible]

Esse—*tudo* é de uma eloquencia formidavel. Satyros!

Na poesia *A lagrima* o sr. Lins nos conta a historia de um passeio que elle e uma *mulher estranha* fizeram ao cemiterio, onde se deu um facto para o qual chamamos a attenção dos homens da Sciencia.

A tal *mulher estranha*, depois de ter *forçado* a porta da necropole, deitou sobre uma lousa o tributo de uma lagrima saudosa e... corrosiva como o acido fluorhydrico.

Eis como o poeta termina o caso triste e digno de memoria :

> No dia seguinte eu fui [illegible]
> De novo, a sós, alli
> E sobre a lagea fria a mancha eu vi
> *Da lagrima [illegible]* (!!)

> E quando ao cemiterio eu chego triste
> A lapide examino,
> *A escurecida mancha que ainda existe* (!)
> A contemplar me inclino.

Oh! chimicos! Diz Richepin que vós já analysastes a lagrima, porém analysai-a de novo, que ella encerra, com certeza, perigosissimos elementos.

—

De cancemos aqui.

O espirito, que ás vezes se recreia em face de uma *calinada*, fatiga-se quando ellas se succedem ininterruptamente; e nas *Canções da Aurora*, como dissemos em nosso numero passado, é rara a poesia a que falte um attentado contra a grammatica ou contra o Bom Senso.

Falta-nos ainda fazer a autopsia de 12 poesias do livro do sr. Francisco Lins, porém... não precipitemos as cousas.

Esperemos que o inspirado poeta Alfredo de Souza ou o Dr. Randolpho Fabrino venha nos provar, o primeiro, que o sr. Francisco Lins *é correcto na fórma*; o segundo, a verdade destas palavras com que iniciou o prologo das *Canções da Aurora*:

« *Incontestavelmente o sr. Lins vai ter um bello dia no Parnaso.* »

Uma recordação

NOITECEU. As tiras permanecem deante de mim, ostentando petulantes a sua alvura impassivelmente terrivel... para quem *precisa* de escrever sem ter assumpto, mostrando-me esse abysmo de linhas, virgens de garatujas.

O dia correu estupidamente sorumbatico, como um candidato derrotado, como um pretendente desilludido... e eu não senti bater-me uma vez na fronte a aza de uma idéa. Verifico que ha uma enorme incompatibilidade entre mim e os dias chuvosos... Em não havendo sol... deixem-me em paz e ás tiras.

Quando a noite cahio de todo e a chuva começou a cahir, essa monotona chuvinha fria como as Egerias desses mil poetas platonicos que andam pelo mundo delirantes e enfadados e insupportavel como os ralhos de uma velhusca esganiçada e feia, eu olhei para a minha folhinha de esfolhar — gracioso mimo que de presada amiga recebi e o — *Fevereiro 10* — saltou-me logo aos olhos.

Lembrança ditosa, obumbrada em parte por vagas sombras de um pezar dorido, trouxe-me aquella data um inexprimivel sentir, em que mui a custo pode encontrar certo misto fugaz de uns desenganos deslembrados e de umas saudades inda hoje pungitivas...

— Ora, vou encher estas tiras, disse eu á minha *Egeria* (mas, esta já recebida á face de Deus e dos homens, com o *conjugo vobis* competente...)

E pedi-lhe logo que não ficasse tristesinha, não... Recordações dos meus vinte annos incompletos, unicamente.

Afinal de contas, o que vinham a ser? Nuvens... nuvens roseas e fugitivas, que desappareceram no occaso... das decepções, como todos os ideaes e todas as aspirações d'aquella idade feliz...

—

Trata-se apenas do que se passou commigo na metade da noite de 10 de Fevereiro de 1881, na hospitaleira cidade de...

Quem me diria a mim que havia de memoral-a em plaga tão distante, em meio tão differente e em tão differentes condições... meteorologicas: A noite desta data, ha cinco annos, foi estrellada, radiante, bella e jubilosa... emquanto hoje escrevo estas linhas saudosas, ao bater das goteiras nas pedras ponteagudas da calçada e ao farfalhar tristonho das arvores copadas, que enfrentam minha casinha plebéa, immerso tudo numa quietação enervante, que melancholisa e abate.

Vejamos, porem, o que me faz escrever a minha recordação:

Era no baile. Encantadoras senhoras cobertas de seda e brilhantes, e outras, mais despretenciosas, exhibindo vestidinhos brancos, simples como a modestia, formavam com as flores das grandes jarras doiradas e as faiscações tremulantes dos lustres crystallinos, assim como um abysmo de luz intensa e de aromas fataes de que se não podia fugir sem a vertigem dos deslumbramentos...

Conversavam em grupo, aqui e alli, os cavalheiros convidados.

O rapazio examinava attento a seductora confusão de flores e joias, animadas e inanimadas, estas mais luminosas, aquellas mais attrahentes...

Quando entrei no salão principal... não digo que me atordoasse, porque, emfim, eu não era declaradamente o que se chama um caipira... mas, enfim a modo que embriagado, sui como o diabo, e nada vi senão quando dei commigo sentado em commoda cadeira de braços, no vão de uma janella...

Riem-se? e quem é que não passa por *estas*, quando entra em salão fulgente povoado de... desconhecidos, em terra estranha? Eu só em lembrar-me até esqueci-me de que comecei esta historia num estylo muito mais bonito do que este para onde me vai o habito levando...

Recomecemos. Não! Acalmem-se: Continuemos;

Volvi os olhos pelo recinto illuminado.

(Vai melhor assim) Num dos cantos mais afastados, a meio na penumbra, em magnifico divan estofado e coberto de velludo carmezim, um corpo mollemente reclinado, offerecia aos inspirados artistas o modelo mais correcto de rara formosura...

Entrei logo — cousa naturalissima, de resto — a ligar muito pouca attenção ao movimento da festa.

A bella pensativa tornou-se o meu ponto de attracção.

Encerrava-se n'aquelle instante para mim o universo, no divan, naquelle divan macio, em cujos horizontes *capitonnés* de uma cor tão sympathica, eu antevia o sol das illusões doiradas, phantazias de poeta, e aquelle bando de *tolices azues* que a gente crea aos vinte annos...

E ella...

Não! Mas é preciso que o leitor se convença: era uma mulher esplendida;

Clamam tanto contra a gordura e dizem que a mulher gorda é prosaica...

Perfidos! Mentirosos!

Vissem a minha heroina os — ultra-idealistas — e as magrissimas excellencias cahiriam do ministerio do amôr.

Imagine, leitor, se puderes e, o que é mais, se quizeres.

Ella estava sentada; pareceu-me, entretanto, ter um corpo de Gallatéa, capaz de enlouquecer a um milhão de Pygmaliões e mais a mim, que nunca tive queda para estatuario.

(Qual! lá se vai o meu estylo pomposo em naufragio, outra vez...)

No collo nú, scintillante de alvura, ondulavam mansamente os seios rubicundos que, ás vezes, impellidos por um suspiro da pensativa, pareciam querer saltar fóra do decóte, como se estivessem suffocados n'aquella prisão de seda.

No alvo pescoço de cysne enrolava-se uma serpente de perolas.

O rosto divinal de estatua grega reclinava-se, poeticamente, nas phalanges da mão esquerda, cujo braço roliço e seductor apoiava-se indolente na almofada bordada do divan.

Dos seus olhos escuros, orientaes, velados por longos cilios, partiam olhares terriveis, fagulhentos, de uma penetração perigosa...

Na pequenina bocca entreaberta perpassava, á furto, um sorriso vaporoso e terno como um sorriso de creança.

Fluctuavam-lhe em desalinho encantador os cabellos castanhos, quasi negros; feiticeiros caracóes brincavam-lhe na fronte espaçosa; no alto da gentil cabeça pendiam em roscas interessantes as caprichosas madeixas, que iam cahir-lhe nos hombros fascinantes, em dous lindos cachos artisticamente preparados.

A mão direita segurava o leque cercado de arminho e o braço se estendia a meio das dobras do vestido azul claro, que tão bem assentava em suas formas primorosas.

(Acho que não faltou nada á discripção da heroina... A leitora tambem acha? Eu acceito reclamações...)

E o baile corria. Os pares voltejavam delirantes e a orchestra vibrava as notas arrebatadoras da walsa do *Fausto*.

Os leitores dispensam-me de repetir que não tirava os olhos da scismadora.

E ella, ora fitava-me os seus inundando-me de luz e de esperança, ora seguia as voltas incessantes dos walsistas, com um sorriso cheio de tristeza e no olhar a expressão de funda melancholia.

— Ora, meus ricos senhores, não me dirão porque ninguem pede uma walsa a essa encantadora convidada? perguntava eu aos meus botões (desculpem-me o modernismo da phrase).

Estranho na terra, onde chegara havia quatro dias, admirava-me o proceder dos cavalheiros presentes, e,

comquanto nutrisse os mais vehementes desejos, eu temia, sem ser conhecido, solicitar uma contradança á isolada e formosa senhora.

Subito, os instrumentos modularam os sons de uma polka de minha predilecção. Não pude resistir. Evoquei o anjo do coragem, levantei-me, puchei pelo desembaraço e pelos punhos e fui, com a firmeza das grandes resoluções inabalaveis.

— Perdão, minha senhora. E' ousadia... eu sei... (e um nó damnado a me apertar a garganta...) Mas... Julgar-me-ia bem feliz se v. exa. me concedesse a honra dessa polka.

E esperei suando em bicas... um suor frio e abundante, que me amollecia o collarinho.

— Ah!... murmurou ella com certo ar evasivo, vi-o ha pouco alli tão pensativo... Julguei-o ser tambem dos que não dançavam...

— Eu estava pedindo aos deuses, minha senhora, que me auxiliassem no pedido que tencionava fazer a v. exa. Seriam baldadas as minhas supplicas?

— Com bastante pezar, senhor: foram. Queira desculpar; eu não danço.

Não falei. A commoção embargara-me a voz. (Isto é velho, mas... foi assim.) Comprimentei-a e voltei acabrunhado para o meu lugar e de lá continuei a fitar extasiado o formoso semblante da terna scismadora, sem atinar com o capricho que manifestava em não querer dançar.

E o baile corria...

— *En avant quatre!*

— *Changer!*

exclamava o mestre-sala. E ninguem sabia como me faziam soffrer aquelles brados expansivos de alegria... A mim que sonhara uma quadrilha feliz com a seductora do divan, aquelles «balancés!» eram como uns gritos de zombaria que me atiravam ás faces. Indignei-me, por vezes.

A espaços, tinha vontade de provocar um escandalo, de fazer com que ninguem mais dançasse... Tive disposições terriveis! Acalmei-me, entretanto; que remedio?

Não me sahiam, porém, dos ouvidos aquellas tristes palavras, que ella pronunciara:

— Não danço..

Ao terminar uma quadrilha, vi um homem idoso, gordo e vermelho, um typo de burguez pesado e lorpa, chegar-se á «bella pensativa» e falar-lhe, abrindo os labios num sorriso alvar e estupido.

Nada ouvi, mas percebi que ella sorriu resignadamente e fez um signal affirmativo com a cabeça. O velho sumiu-se.

Dahi a pouco elle voltou, com os seus ares de urso, pimponando entre risonho e orgulhoso, trazendo nas mãos um chale de seda, que collocou com a maior solicitude nos hombros da rainha dos meus pensamentos.

Ella me olhava a furto, sorrindo embaraçada, difficultando o arranjo do chale como se quizesse difficultar a partida.

Depois, com um gesto resoluto, deu o braço ao sorna, que eu já odiava sem saber porque, e partiram.

A festa proseguia animada e alegre, mas para mim era tudo como num deserto...

Procurei um amigo que me désse informações sobre a *Ignota Dea*:

— Filha de um fazendeiro abastado era noiva do major Pantaleão de Araujo (da Guarda Nacional) negociante de seccos e molhados, aquelle mesmo que acompanhara-a, e a quem o mencionado fazendeiro devia a bagatela de uns cento e tantos contos.

Ora pois!! Aquelle corpo magestoso, de formas divinaes, aquelles seios celestes, aquella fronte pallida, os meigos sorrisos dos labios rubros... cabellos... olhos... tudo, todo aquelle thesouro de bellezas e attracções estava empenhado!...

Empenhado a um major da guarda nacional negociante de seccos e molhados!

E o birbante do sr. Pantaleão abominava a dança e não permittia a noiva, que dava o cavaquinho por uma walsa pulada, nem a insipidez de uma quadrilha...

D'ahi a tristeza com que *ella* me olhava a furto. Que parsinho haviamos de ser, dizia a pobre moça comsigo... dizia, affirmo sem medo de errar.

— Está hoje ella a — *senhora Baroneza* de... não sei o que. «Tem quatro herdeiros, e o marido está a figura de paliteiro mais abdominosa que se tem visto» escreveu-me ha pouco um amigo de***

E eu agora, ao concluir esta opilante narrativa, não falto ao sagrado dever de agradecer á quem oito tiras forneceu a um pobre escriptor sem assumpto:

Obrigado, Baroneza!

GEORGINO.

Historia de Rosza Sandor

POR um dos vastos platos convisinhos da cidade de Szegegelin, na Hungria, divagava, por uma formosa noite de verão do anno de 1884, um homem ainda moço, cujo rosto denunciava intelligencia e energia, e todo o exterior uma perfeita distincção. Chegando a uma clareira parou a escutar junto de um dos numerosos maciços de arvoredo que separava a montanha da planicie, parou, dizendo:

— E' aqui que elle deve estar.

O homem em questão era Arthur Goergey, que ao tempo se empenhava, com varios amigos, em insurgir a Hungria contra a dominação austriaca.

Como um homem que tem instrucções certas, penetrou no bosque com passo firme. Chegando a uma clareira parou a escutar, e o seu rosto exprimio uma viva satisfação, ouvindo uma voz de homem que se confundia a espaços com a entonação lamentosa de outra voz de mulher e com a algaravia de uma creança.

O homem tornava-se notavel pela magreza do rosto, pelo farto bigode e pelos longos cabellos negros que lhe desciam até os hombros; a energia caracterisava-lhe a physionomia e ao mesmo tempo os movimentos do corpo de uma estatura elevada.

— Sabes rezar as tuas orações, meu filho? perguntou o homem sentando a creança nos joelhos.

— Certamente, respondeu a mulher, reza todas as manhãs e todas as noites.

— Faze por seres um homem de bem, filho... não queiras parecer-te com teu pai... Para o anno, Tusca, mette-o na escola; é necessario que se instrua e eduque nos bons principios.

Assim tenciono fazel-o, ainda que tenha de gastar até o ultimo florin.

— Leva-o, e quando elle crescer, não lhe digas nunca quem foi seu pai; occulta-lhe o meu nome; que ignore sempre que é filho de Rosza Sandor, o bandido.

— Pergunta ao papá quando o tornaremos a ver, — disse a mulher.

— Não sei, filho; eu nunca posso contar com o dia de amanhã. Hoje estou aqui, amanhã estarei a 20 legoas, depois de amanhã debaixo da terra, talvez.

— Não digas tal; olha: o pequenino está com os olhos rasos de agua.

— E, todavia, é a verdade, meu querido filho! O bandido não tem ninguem a quem possa dirigir as suas orações, para que a sua existencia seja protegida.

— Mas, tu não és um assassino, Sandor; as tuas mãos jamais se mancharam no sangue do seu semelhante!

— Não tentes attenuar os meus actos de rebellião contra as leis, minha pobre amiga; cedo me tarda a forca e os corvos reclamarão o meu corpo.

A mulher começou novamente a soluçar e a creança tambem.

O bandido, commovido a seu pesar, consolou-as como poude, e disse-lhes:

— Retirem-se, meus filhos, e não se affijam assim. Não digam a ninguem que me viram, e que aquelle cuja benção eu não ouso implorar para mim, vos abençõe a ambos.

A mulher e a creança afastaram-se; o bandido desprendeu um cavallo que pastava a alguns passos, e, pondo o pé no estribo, escu-

tou enquanto pôde a voz infantil de seu filho.

II

Subito, sentindo poisar sobre a sua uma mão robusta, o bandido estremeceu e voltou-se. Ao lado do cavallo estava um desconhecido: era Goergey.

— Nada receies, Rosza Sandor; não procures as tuas pistolas. Seria o meu sangue o primeiro que derramavas ha dezeseis annos.

— Conheces-me então?

— Conheço-te pelo que se tem contado de ti, conheço-te como um bandido, cuja cabeça foi posta a preço; mas sei tambem que tens uma mulher a quem amas e um filho a quem estremeces; sei que para os vêres, arriscas por vezes a vida vindo aqui, onde poderias ser facilmente trahido.

— Vejamos, que me queres? Alistar-te no meu bando?... Nesse caso, acredita-me, farias melhor em pegar nesta pistola e metteres uma bala nos miolos.

— Rosza Sandor, replicou o outro com serenidade, faze o que eu te disser, e o nome do bandido não mais será associado ao teu.

— Estás louco? Acaso nã tenho eu feito quanto podia fazer? Não me dirigi a uns e outros? Não disse: Que me perdôem sómente o passado e não mais ouvirão falar de novos crimes; o viajante nada mais terá a receiar: os gados poderão pascer em segurança nas cercanias de Szegelin; não ha reparação a que eu me não preste para com as leis de Deus e do meu paiz. Mas não têem querido attender-me; declararam-me proscripto para sempre e desfavorecido de todas as leis. Que me queres tu, pois? Atraiçoar-me, talvez? Retira-te, miseravel. Lembra-te que até hoje, como tu mesmo o disseste, ainda não derramei uma gotta de sangue.

— Derramal-o-has d'ora avante, e resgatarás dessa forma os teus crimes. Tu és Magyare, Sandor, a tua terra acceita o que a lei recusou. O teu paiz tem inimigos: vae lavar no sangue delles a nodoa do teu nome.

— Não me tentes! disse o bandido tristemente. Ah! se me fosse dado morrer num campo de batalha...

— E se em vez da morte, fosse a gloria que te esperasse? Se ao voltares aqui os homens que hoje te perseguem de floresta em floresta, corressem ao teu encontro com corôas de louro, no meio de alegres considerações? E se em vez de te chamarem o bandido, te chamassem o heroe, o patriota!

— Cala-te! Não me lisongeies com vãs illusões. Eu sou pai... Ah! se tu falasses verdade! Eu podia ainda fazer muito, podia alistar sob as minhas bandeiras um esquadrão de trezentos homens, que, muitas vezes, têm encarado a morte de frente; homens endurecidos nas fadigas, habituados ao frio do inverno e as calmas do estio; homens que podem estar trez dias numa sella sem se apearem.

— Irei interceder por ti.

— E que te sou eu? Quem és tu? Que interesse te move em meu favor?

— Nenhum, e podes ficar certo que não terei um momento de descanço emquanto te não trouxer o teu perdão.

— Destroe a barreira que me não permitte o atirar-me á refrega, e eu te asseguro que te ha de ser difficil contar o numero de inimigos que cahirão aos meus golpes.

— Juro que te hei-de trazer o teu perdão... Juro-t'o pelo que ha de mais sagrado, dentro de 15 dias tel-o-has. Onde nos havemos de encontrar?

— Nós? Em parte nenhuma. Eu não me fio de ninguem... Mas se és sincero, vai a Télegihaz; lá na taberna entra e senta-se a um canto todas as manhãs um velho mendigo que só tem uma mão... reconhecel-o-has facilmente por este signal. Mostra-lhe esta pistola e deixa que elle te guie. Não te escandalises com estas precauções, que são necessarias. Lembra-te que sou perseguido como uma besta féra... E agora, adeus! O teu caminho fica á direita. O meu é o opposto.

Disse, e cavalgando rapidamente desappareceu a galope pela sinuosa vereda que atravessa o maciço.

III

Passados quinze dias entrava Goergey na taberna de Télégyhaz.

A um canto, mettido no escuro, estava sentado o velho mendigo maneta, bebendo uma medida de vinho.

O conspirador hungaro mostrou-lhe a pistola.

O velho levantou-se, despejou a caneca, pagou e saiu da taberna sem proferir uma palavra.

Ao fim da aldeia, Goergey e o mendigo pararam junto de miseravel choça. O mendigo entrou e, voltando em breve com dous magnificos cavallos de sella, fez signal ao companheiro para que montasse em um, enquanto elle montava em outro com agilidade de um rapaz, e como se tivesse o uso de ambas as mãos.

Apoz uma longa marcha atravez de uma vasta lande viram por entre o escuro da noite um clarão avermelhado. Era uma fogueira; á roda della estavam sentados tres homens.

O maneta assobiou de um modo particular, e um dos tres destacou-se do grupo e veio ao encontro de Goergey.

Era Rosza Sandor, o chefe dos bandidos.

— Que me trazes tu? perguntou-lhe elle.

— O teu perdão, respondeu o interrogado, apeiando do cavallo, coberto de espuma.

E dando-lhe um pergaminho dobrado em quadro, ajuntou:

— Lê e regosija-te.

O bandido voltou-se para o lado da fogueira, e, desdobrando com mão tremula o pergaminho, começou a lel-o. Quasi em seguida deslisaram-lhe pelas faces duas grossas lagrimas, curvou lentamente os joelhos, e, erguendo ao céo os olhos humidos:

— Meu Deus! exclamou elle com a voz entrecortada pelos soluços, — obrigado, obrigado por teres permittido que eu ainda possa ser um homem digno desse nome.

E voltando-se para os dous companheiros:

— A cavallo! exclamou, vamos reunir o bando.

Os dois homens montaram a cavallo, e bem depressa echoou de todos os lados o mesmo assobio. Este signal reuniu, em quinze minutos, á volta da fogueira, cento e oitenta cavalleiros bem montados e armados.

— Amigos, disse-lhe Rosza Sandor, o que nós ha tanto tempo desejavamos acaba de realisar-se.

Já não somos ladrões, nem bandidos... o nosso paiz perdôa-nos. E'-nos permittido expiar os nossos crimes por uma morte honrosa. Ha algum de entre vós que não se arrependa da sua vida passada e não se regosije de poder terminal-a no caminho da gloria?

— Nenhum! responderam todos á uma.

— Querem seguir-me nos campos de batalha?

— Queremos.

— Jurem.

O juramento foi breve:

— Juramos alegremente derramar o nosso sangue pela liberdade da patria.

IV

Eis pouco mais ou menos como o auctor de uma historia da revolução hungara, refere de que modo Rosza Sandor, o bandido, foi compellido a tomar parte na guerra que a Hungria emprehendeu em 1848 para conquistar a sua independencia, — guerra em que elle

teve um notavel papel e que fez por momentos brilhar o seu nome ao lado dos generaes Bem, Klapka, Dembinsky, Goergey, etc. O exbandido devia, não obstante, voltar á sua antiga profissão, e, como é sabido, foi julgado e condemnado a prisão perpetua por uma serie espantosa de crimes.

Rosza Sandor nasceu em Szegedin a 16 de Julho de 1813. Filho de um guarda de cavallos que terminou os seus dias num carcere, começou a carreira de salteador aos 18 annos.

Em 1849, depois da famosa capitulação de Vilagos, tornou-se a fazer bandido. Preso em 1857, foi condemnado á morte, mas o imperador commutou-lhe a pena, e em 1868 obteve o seu indulto por inteiro. Sandor fez parte da policia durante algum tempo, mas provou-se que continuava a dirigir o seu bando. Uma diligencia habilmente combinada fez com que este cahisse em poder da justiça. O numero de seus membros era tal que só a inscripção dos nomes durou um dia.

Este processo sem precedentes levou quatro annos a instaurar, havendo entre os réos individuos altamente graduados.

Quem viu Rosza Sandor ficou surprehendido de encontrar um personagem de pequena estatura, de uma constituição apparentemente pouco robusto e cujo rosto apresenta uma expressão de bondade. Com as suas qualidades, com outra educação e noutro meio social, este homem teria de certo subido aos mais altos destinos. Em todo o caso, foi um bandido celebre, e ao mesmo tempo um heroe da revolução e um grande guerreiro.

Musas risonhas

Moderna

Debalde eu tento levantar a ponta
desse mysterio, que te cerca a vida,
—se chego, o livro vais fechando, prompta,
da triste historia que jamais foi lida...

Quando em teus olhos divinaes desponta
uma expressão de padecer, dorida,
—tu'alma em pranto julgo ouvir, perdida
nas grandes penas, que chorando conta.

Em crepe as formas sempre teus envolves
e as tranças louras pela espadua soltas,
como as deusas dos velhos madrigaes...

...E hontem jurou-me um falador astuto
que andas assim... por que te assenta o luto,
e os teus ares de sphinge... rendem mais.

J. R.

Novas e notas

Comprimentamos respeitosamente ao nosso illustre conterraneo sr. Aureliano Pereira Corrêa Pimentel, reitor do collegio d. Pedro II, e á sua exma. familia, que acham-se actualmente nesta cidade com magno gaudio de seus innumeros amigos e admiradores.

A Quinzena

Recebemos o prospecto dessa importante revista litteraria, cujo primeiro numero apparecerá amanhã, 15, em Vassouras, sob a direcção de Jorge Pinto e Alfredo Pujol.

A *Quinzena*, alem de seus talentosos directores, terá a collaboração de algumas dos nossos mais festejados poetas e escriptores modernos.

Aguardamol-a com anciedade.

Obito

Ante-hontem falleceu nesta cidade o rvm. padre Herculano José d'Assumpção, sacerdote geralmente estimado pela amenidade de seu trato e por seus sentimentos generosos.

A' familia do finado apresentamos sentidas condolencias.

Sobre a meza

Diario de Noticias. N. 249. A respeito do nosso obscuro jornalsinho escreve esse importante diario da corte:

«O n. 21 do *Domingo*, a interessante revista litteraria publicada em Ouro-Preto por Jorge Rodrigues e José Braga, é mesmo um mimo, com *As calças do Manoel Dias* por Domicio da Gama, as *Actualidades* por Jorge Rodrigues e outros tantos artigos que bem se podem chamar joias litterarias.

O Domingo não destôa da *Semana*.»

Aquelle «publicada em Ouro-Preto» sahio por distracção...

Dizem muitos que só numa capital é que se podia manter uma folha nas condições d'*O Domingo*.

O *Diario* talvez pensasse assim na occasião e, por isso, enganou-se.

A nossa cara S. João d'El-Rei, apezar de pequena, tambem pode ter o seu jornal litterario; porque não? Ha poucos que nos ajudem e apreciem, certo é, bem poucos, mas esses mesmo e a nossa força de vontade, que é muita, hão de vêr se conseguem levar até o fim este tentamen, que não nos parece dos menos arrojados...

O Oriente. n. 13. Pela primeira vez recebêmos a visita desse estimavel collega. São seus redactores Antonio Raposo d'Almeida, um moço de vigoroso talento e Cyro Gonçalves, um velho amigo, companheiro de lutas, penna amestrada, estudioso e illustrado, tendo ainda a mais uma invejavel memoria prompta e feliz como poucas.

D'aqui saudamos os collegas.

A visita d'*O Oriente* trouxe-nos gratas recordações, de um passado, que não volta...

Lá irá *O Domingo* significar-lhe cordiaes desejos de manter as melhores relações com o seu collega da pittoresca cidade de S. José do Paraiso.

A Provincia do Espirito-Santo. —Continuamos a receber com pontualidade esse importante orgam do partido liberal da Victoria. Assumptos variados: Politica! Politica! Politica!

E, as vezes, para variar, umas sarabandas sobre questões eleitoraes (politica!) e queixas — politicas! De resto, está no seu elemento e faz muito bem.

No seu n. 997 na chronica,... na *chronica politica*, já se vê, lê-se um artigo com a epigraphe terrivel: *O bota abaixo*. E começa: — «O sr. desembargador presidente da provincia ouvio afinal o canto de vin-

gança entoado pela turba que o cerca.......pegou do celebre machado da derrubada e desfechou o primeiro golpe da segunda serie da injustificada e atrabiliaria perseguição movida contra liberaes, que exercem cargos publicos.»

A gente vê isso e diz logo:

— O presidente deitou abaixo pelo menos cincoenta empregados! Foi uma *hecatombe!* Que horror!

Continua-se, porém, a ler e [chega-se ao conhecimento, apenas, da demissão que soffreu um cidadão que dá pelo nome de Aglinio Jard de Magalhães Requeijão. Requeijão logo, vamos! com franqueza!

Ora, o collega hade concordar que um homem que tem um nome d'esses não podia ser alferes de uma companhia de policia.

Era uma falta de respeito ás leis militares.

O sr. Requejão votou no candidato liberal. E' justo que desappareça da meza do orçamento.

Nós, por motivos que o collega d'*A Provincia* sabe, estimariamos muito que a politica do Espirito-Santo se remontasse a alturas muito mais elevadas, muito além, muito além da Barra de S. Matheus...

O Vinte de Agosto.— N. 53. Sempre variado e criterioso. Transcreve o que nas *Actalidades* do nosso n. 20 escreveu sobre Santa Rita Durão o nosso collega J. Rodrigues.

Vem um tanto differente do artigo a transcripção honrosa... O sr. revisor d'*O Vinte de Agosto* dormitou a valer.

Agradecemos ao collega a prova de consideração.

Echo das damas. — n. 7 Antes de tudo occupa-se com *O Domingo*

Uma honra immerecida e desvanecedora... Transcreve algumas palavras que escrevemos sobre o seu apparecimento e conclue dizendo:

«*O Domingo*, é, em summa, *A Semana* de S. João d'El-Rei, se é que assim posso bem exprimir a melhor idéa sobre tão gentil collega.»

Oh! excellentissima, exprime perfeitamente. Mais ainda do que merecemos, creia.

Canções da aurora. — Collecção de versos do sr. Francisco Lins.

(Ouro Preto). Um dos nossos collegas já se occupou desse livro e ainda hoje sobre elle escreve um segundo artigo critico.

Ao talentoso autor das *Canções* agradecemos a fineza do offerecimento e desejamos que a *aurora* de hoje seja o prenuncio de claros dias de sol num futuro brilhante, em que s. s. nos dê novos trabalhos, mais perfeitos, com os quaes possa obter sinceros applausos de amigos e indifferentes.

O elogio convencional dos camaradas suspeitos, de nada vale; a admiração significada pelos bravos — expontaneos — da collectividade — é que consagra os verdadeiros talentos.

Em vez de adormecer ao som daquelle, trabalhe o sr. Lins para obter esta.

E' o que lhe aconselhamos, desejando que o consiga.

Correspondencia

Sr. Bernardo Junior. — Lemos com attenção o conto que nos enviou e, embora não o tenhamos achado sem defeitos, cumpre-nos dizer que o senhor tem geito para a *cousa*.

Como nos pedio lhe indicassemos os erros commettidos, promettendo submetter-se á nossa opinião com a *docilidade do discipulo que tem vontade de aprender e que confia na capacidade de seu preceptor*, vamos dizer-lhe, com a franqueza que nos caracterisa, quaes os pontos d'— *O mendigo* — que não nos agradaram.

Comecemos pelo... principio:

«Ao frio e á chuva constantemente exposto, tornara-se elle como que *inaccessivel*, e passavam os dias etc.»

Inaccessivel a que?

Mais isto:

«*Das* esmolas, que lhe rendiam as penosas caminhadas quotidianas, ia elle *cruzando*, esperando poder livrar-se em breve d'aquella vida de martyrios.»

Aquella contracção que inicia este periodo não terá sido um *lapsus*? Reunir alguma cousa, não é? Leia com attenção a parte da grammatica que trata da divisão e subdivisão de verbos, porque, d'esta especie, não é este o unico erro commettido pelo senhor.

Com effeito, encontram-se mais adiante os seguintes:

«Todos aquelles, que o acompanhavam outr'ora em seus dias felizes, não *lhe* conheceram hoje, porque era-no pobre.»

«Ella era a unica pessoa a que teria elle de dizer algumas palavras que lhe exprimissem a amizade que a consagrava.»

A parte estes defeitos, de que poderá fugir facilmente com auxilio do estudo, repetimol-o, o senhor tem *geito* e ha de dar homem

Sr. Ulysses Prado. — Por um acaso, vimos entre as cartas, que temos recebido, uma cuja lettra é *tal e qual* a sua.

O senhor é o Candido Ferreira que, em vez de estudar metrificação e grammatica, dedicou-se durante dous mezes ao genero d'essas apostasias! desfecha-nos hoje o resultado de seu trabalho.

Sua carta magoou-nos, porque vimos que o senhor ainda é o mesmo Candido Ferreira de outr'ora, isto é, um rabiscador sem grammatica!

Quando vier de novo, disfarce a lettra, sim?

Annuncios

«O Domingo»

Compram-se os numeros 2, 3, 4 e 5 deste jornal.